



JOËL DICKER

O CASO ALASKA SANDERS

DO AUTOR DE
A VERDADE SOBRE
O CASO HARRY
QUEBERT

intrínseca

**O CASO
ALASKA
SANDERS
JOËL
DICKER**

**Tradução de Debora Fleck e
Maria de Fátima Oliva Do Coutto**

Copyright © Joël Dicker, 2022

TÍTULO ORIGINAL

L’Affaire Alaska Sanders

PREPARAÇÃO

Diogo Henriques

REVISÃO

Júlia Ribeiro

Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D545c

Dicker, Joël, 1985-

O caso Alaska Sanders / Joël Dicker ; tradução Debora Fleck , Maria de Fátima Oliva Do Coutto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022. 512 p. ; 23 cm.

Tradução de: L’affaire Alaska Sanders.

ISBN 978-65-5560-360-6.

1. Ficção suíça (Francês). I. Fleck, Debora. II. Coutto, Maria de Fátima Oliva Do. III. Título.

22-79531

CDD: S843

CDU: 82-3(494)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Marie-Claire Ardouin,
sem a qual nada teria sido possível.*

VÉSPERA DO ASSASSINATO

Sexta-feira, 2 de abril de 1999

A última pessoa a vê-la com vida foi Lewis Jacob, dono de um posto de gasolina na estrada 21. Eram sete e meia da noite quando ele começou a se preparar para deixar a loja de conveniência do posto, próxima às bombas de combustível. Ia jantar com a esposa em comemoração ao aniversário dela.

— Não se importa mesmo de fechar a loja? — perguntou ele à funcionária no caixa.

— Não, sr. Jacob, sem problemas.

— Obrigado, Alaska.

Lewis Jacob contemplou a moça por um instante: uma beldade. Um raio de sol. E como era gentil! Trabalhava ali fazia seis meses e já mudara a vida dele.

— E você? — perguntou Lewis. — Algum plano para hoje?

— Tenho um encontro... — respondeu ela, sorrindo.

— Pela sua cara, parece ser mais do que um *simples* encontro.

— É um jantar romântico — confidenciou a moça.

— Walter é um homem de sorte — disse Lewis. — Então quer dizer que as coisas entre vocês melhoraram?

Alaska apenas deu de ombros, sem responder. Observando o próprio reflexo na porta de vidro, Lewis ajustou a gravata.

— Como estou?

— Perfeito. Agora ande logo para não se atrasar.

— Bom fim de semana, Alaska. Até segunda.

— Bom fim de semana, sr. Jacob.

Ela abriu outro sorriso. Um sorriso do qual ele jamais se esqueceria.

Na manhã seguinte, às sete, Lewis Jacob já estava de volta ao posto de gasolina. Assim que chegou, entrou e trancou a porta da loja, a fim de se preparar para receber os primeiros clientes. De repente, ouviu batidas frenéticas na porta de vidro. Ao se virar, viu uma moça com roupas de corri-

da, o rosto aterrorizado, gritando. Ele se apressou para abrir a porta e a moça se atirou em sua direção, aos berros:

— Chame a polícia! Chame a polícia!

Naquela manhã, o destino de uma cidadezinha de New Hampshire mudaria completamente.

PRÓLOGO

Sobre os acontecimentos de 2010

Os anos de 2006 a 2010, apesar das conquistas e da fama, ficaram marcados na minha memória como anos difíceis. Sem dúvida, minha vida foi uma montanha-russa naquele período.

Assim, antes de lhes contar a história de Alaska Sanders, encontrada morta no dia 3 de abril de 1999, em Mount Pleasant, New Hampshire, e de explicar como me envolvi, no verão de 2010, na investigação de um crime que ocorrera onze anos antes, preciso primeiro lembrar brevemente minha situação pessoal naquele momento, em especial no que diz respeito à minha recente carreira de escritor.

Minha trajetória ficou marcada por um início arrebatador, em 2006, com um primeiro romance que vendeu milhões de exemplares. Com apenas vinte e seis anos, eu entrava para o clube ultraexclusivo de autores ricos e famosos, sendo impulsionado ao topo da literatura americana.

Mas em pouco tempo eu descobriria que a glória não vinha sem consequências: quem me acompanha desde o início sabe como o enorme sucesso do meu primeiro romance acabou me desestabilizando. Esmagado pela fama, me vi às voltas com a incapacidade de escrever. Crise de escritor, crise de inspiração, crise da página em branco. A queda.

Depois veio à tona o caso Harry Quebert, do qual vocês com certeza já ouviram falar. No dia 12 de junho de 2008, o corpo de Nola Kellergan, desaparecida em 1975, aos quinze anos, foi desenterrado do jardim de Harry Quebert, verdadeira lenda da literatura americana. O caso me afetou profundamente: Harry tinha sido meu professor na faculdade e, mais do que isso, era meu amigo mais próximo na época. Eu não acreditava que ele pudesse ser o culpado. Sozinho contra tudo e todos, percorri New Hampshire de cabo a rabo para conduzir uma investigação por conta própria. E, se ao fim consegui provar a inocência de Harry, os segredos que descobri a respeito dele destruíram nossa amizade.

A partir dessa investigação, escrevi um livro, *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, publicado no segundo semestre de 2009, que fez um enor-

me sucesso e me estabeleceu como escritor de importância nacional. O livro era a validação final que meus leitores e a crítica esperavam desde meu primeiro romance. Eu não era mais um prodígio efêmero, uma estrela cadente engolida pela noite, uma carreira de pó já consumida: passei a ser um escritor reconhecido pelo público, legitimado por meus pares. Senti um imenso alívio. Como se reencontrasse a mim mesmo depois de três anos exilado no deserto do sucesso.

Foi assim que, nas últimas semanas de 2009, me vi tomado por um sentimento de serenidade. Em 31 de dezembro, comemorei a chegada do ano novo na Times Square em meio a uma multidão alegre. Não me dedicava a essa tradição desde 2006. Desde a publicação do meu primeiro livro. Naquela noite, anônimo entre gente anônima, me senti bem. Meu olhar cruzou com o de uma mulher que me agradou de imediato. Ela estava tomando champanhe. Estendeu a garrafa para mim, com um sorriso no rosto.

Quando penso em todos os acontecimentos dos meses seguintes, relembro essa cena, que me dera a ilusão de ter enfim encontrado a tranquilidade.

O que aconteceu em 2010 mostraria que eu estava enganado.

DIA DO ASSASSINATO

3 de abril de 1999

Eram sete horas da manhã. Ela estava correndo, sozinha, pela estrada 21, em meio a uma paisagem verdejante. Escutava música em seus fones de ouvido e avançava em um ritmo bom. Suas passadas eram rápidas e a respiração estava sob controle: dali a duas semanas participaria da maratona de Boston. Estava preparada.

Sentia que era um dia perfeito: o sol nascente irradiava sua luz sobre os campos de flores silvestres, atrás dos quais se erguia a imensa floresta de White Mountain.

Ela não demorou a chegar ao posto de gasolina de Lewis Jacob, a exatos sete quilômetros de sua casa. A princípio, não tinha previsto ir além dali, mas decidiu fazer um esforço a mais. Ultrapassou o posto, seguiu até o entroncamento de Grey Beach e tomou a bifurcação para a estrada de terra que, nos dias de muito calor, ficava apinhada de veranistas. A estrada dava em um estacionamento de onde partia uma trilha que cruzava a floresta de White Mountain até chegar a uma grande praia de pedras, à beira do lago Skotam. Ao atravessar o estacionamento de Grey Beach, ela viu, sem prestar muita atenção, um conversível azul com placa de Massachusetts. Continuou correndo em direção à praia.

Estava chegando à orla da mata quando avistou uma silhueta que a fez parar no mesmo instante. Precisou de alguns segundos para se dar conta do que estava acontecendo. Ficou petrificada de pavor. Ele não a viu. Ela não podia fazer nenhum barulho, ou revelaria sua presença: se ele a visse, com certeza a atacaria também. Assim, se escondeu atrás de um tronco.

A adrenalina lhe deu a força necessária para rastejar discretamente pela trilha. Depois, quando acreditou estar fora de perigo, saiu correndo dessembestada. Correu como nunca na vida. Tinha saído sem o celular de propósito. Se arrependimento matasse...

Voltou para a estrada 21. Esperava que algum carro passasse, mas nem sinal de qualquer veículo. Sentia-se sozinha no mundo. Acelerou, então, até o posto de gasolina de Lewis Jacob. Lá conseguiria ajuda. Quando por

fim chegou, completamente sem fôlego, encontrou a porta fechada. Mas, vendo que havia um homem lá dentro, começou a bater até ele abrir, então se atirou na direção dele, aos berros:

— Chame a polícia! Chame a polícia!

TRECHO DO RELATÓRIO DA POLÍCIA INTERROGATÓRIO DE PETER PHILIPPS

[Peter Philipps é oficial da polícia de Mount Pleasant há cerca de quinze anos. Foi o primeiro policial a chegar ao local do crime. Prestou depoimento em Mount Pleasant no dia 3 de abril de 1999.]

Quando ouvi a chamada da central sobre o que havia ocorrido em Grey Beach, a princípio achei que tivesse entendido errado. Pedi para o operador repetir. Eu estava em Stove Farm, que não fica muito longe de Grey Beach.

O senhor foi direto para lá?

Não, primeiro parei no posto de gasolina da estrada 21, de onde a testemunha tinha ligado para a emergência da polícia. Diante da situação, eu achava importante falar com ela antes de intervir. Para saber o que me aguardava na praia. A testemunha em questão era uma moça em pânico. Ela me contou o que tinha acabado de ver. Em quinze anos de serviço, eu nunca havia me deparado com uma situação semelhante.

E depois?

Fui direto para o local.

Sozinho?

Não tive alternativa. Não podia perder um minuto. Precisava encontrá-lo antes que fugisse.

E o que aconteceu em seguida?

Saí dirigindo que nem um doido, do posto de gasolina até o estacionamento de Grey Beach. Quando cheguei, vi um conversível azul com placa de Massachusetts. Depois, peguei o fuzil e segui pela trilha do lago.

E...?

Quando cheguei à praia, ele ainda estava lá, atacadado na pobre moça. Gritei, para que parasse. Ele levantou a cabeça e me encarou fixamente. Co-

meçou a vir aos poucos na minha direção. Entendi na mesma hora que era uma questão de matar ou morrer. Em quinze anos de serviço, eu nunca tinha disparado um tiro sequer. Até aquela manhã.

PRIMEIRA PARTE

Consequências do sucesso

Às margens do rio Saint-Laurent, uma neve primaveril caía sobre os imensos galpões que abrigavam os estúdios de cinema. Era ali que estavam filmando, havia alguns meses, a adaptação cinematográfica do meu primeiro romance, *G de Goldstein*.

Capítulo 1

DEPOIS DO CASO HARRY QUEBERT

Montreal, Quebec.

5 de abril de 2010.

Por mero acaso, o início das filmagens coincidiu com a publicação de *A verdade sobre o caso Harry Quebert*. Impulsionado pelo sucesso nas livrarias, o filme já suscitava o entusiasmo geral, e as primeiras imagens tinham causado um grande estardalhaço em Hollywood.

Enquanto do lado de fora um vento frio fazia os flocos de neve rodopiar, dentro do estúdio parecia que estávamos em pleno verão: no cenário de uma rua movimentada, de um realismo assombroso, os atores e figurantes, iluminados por poderosos holofotes, pareciam atingidos por um sol escaldante. Era uma das minhas cenas preferidas do livro: na varanda de um café, em meio a uma multidão de pedestres, os dois protagonistas, Mark e Alicia, finalmente se reencontram, depois de anos sem se ver. Não precisam dizer nada, os olhares bastam para recuperar o tempo perdido.

Sentado nos bastidores, eu acompanhava a tomada.

— Corta! — gritou o diretor de repente, interrompendo aquele instante gracioso. — Por hoje está bom.

Ao lado dele, o primeiro assistente repetiu a ordem pelo rádio:

— Por hoje está bom. Fim do expediente.

Na mesma hora, o estúdio se transformou em um formigueiro: os técnicos começaram a guardar os equipamentos, enquanto os atores voltavam para os camarins sob o olhar decepcionado dos figurantes, que adorariam ter trocado umas palavras, tirado uma foto ou pegado um autógrafo.

Fiquei vagando pelo cenário. A rua, as calçadas, os postes de luz, as vitrines, tudo parecia muito real. Entrei no café, tomado de admiração pelo

cuidado que haviam tido com os detalhes. A sensação era de estar passeando dentro do meu romance. Fui para trás do balcão repleto de sanduíches e doces. Tudo que fosse exibido na tela tinha que parecer verdadeiro.

Minha contemplação não durou muito. Uma voz logo me arrancou dos meus pensamentos:

— Está trabalhando aí, Goldman?

Era Roy Barnaski, o extravagante presidente da Schmid & Hanson, editora que publicava meus livros. Tinha chegado de Nova York naquela manhã, de surpresa.

— Um café, Roy? — propus a ele, pegando uma xícara vazia.

— Prefiro um desses sanduíches, estou morrendo de fome.

Eu não sabia se os produtos eram comestíveis, mas, sem me preocupar com isso, ofereci a Roy um sanduíche de peru com queijo.

— Sabe, Goldman — disse ele, depois de dar umas boas mordidas no pão —, esse filme vai ser um sucesso estrondoso! Já previmos uma edição especial de *G de Goldstein*, vai ser sensacional!

Quem já leu *A verdade sobre o caso Harry Quebert* sabe muito bem das minhas relações ambivalentes com Roy Barnaski. Para quem não leu, basta saber que as afinidades dele com seus autores variam em função de quanto consegue faturar com eles. No meu caso, enquanto dois anos antes ele me desprezava por não ter entregado o romance no prazo, os recordes de vendas de *A verdade sobre o caso Harry Quebert* me conferiram uma posição de destaque no seu panteão de galinhas dos ovos de ouro.

— Você deve estar nas nuvens, Goldman — prosseguiu Barnaski, aparentemente sem se dar conta de que me incomodava. — Primeiro o sucesso do livro, agora esse filme. Você se lembra, dois anos atrás, quando movi céus e terra para que Cassandra Pollock fizesse o papel da Alicia e você me criticou até a morte? Olhe só como valeu a pena! Todo mundo está dizendo que ela é sensacional!

— Impossível me esquecer disso, Roy. Você fez todo mundo acreditar que eu e ela estávamos tendo um caso.

— E aí está o resultado! Minha intuição é ótima, Goldman! É por isso que sou o poderoso chefe! A propósito, vim aqui para falar sobre um assunto importantíssimo com você.

No instante em que o vi chegar de surpresa ao set de filmagem, eu já sabia que Barnaski não tinha vindo a Montreal a passeio.

— Do que se trata? — perguntei.

— Você vai gostar da novidade, Goldman. Eu queria contar pessoalmente.

Barnaski estava embromando, o que não era bom sinal.

— Vamos direto ao ponto, Roy.

Ele começou:

— Estamos quase conseguindo um contrato com a MGM para fazer uma adaptação de *A verdade sobre o caso Harry Quebert!* Vai ser grandioso! Tão grandioso, que eles já querem assinar uma carta de intenções.

— Acho que não vou querer fazer um filme desse livro — respondi, seco.

— Espere só até ver o contrato, Goldman. Só na assinatura já são dois milhões de dólares para você! Você rabisca seu nome no fim da página e pronto! Caem dois milhões de dólares na sua conta. Isso sem falar na participação nos lucros do filme e em todo o restante!

Eu não estava com a menor vontade de argumentar.

— Converse com o meu agente ou o meu advogado — sugeri, para encerrar a conversa, o que deixou Barnaski extremamente irritado.

— Se a opinião do inútil do seu agente me interessasse, Goldman, eu não teria vindo até aqui!

— E essa conversa não podia aguardar o meu retorno a Nova York?

— Seu retorno a Nova York? Você é pior que o vento, Goldman, não para quieto no mesmo lugar!

— Harry não queria um filme — falei, fazendo uma careta.

— Harry? — indagou Barnaski, quase engasgando. — Harry Quebert?

— É, Harry Quebert. A discussão está encerrada: eu não quero filme nenhum porque não quero mais mergulhar nessa história. Quero esquecer tudo isso, virar a página.

— Escute aqui, seu bebezinho chorão — explodiu Barnaski, que não suportava ser contrariado. — Então quer dizer que uma bela porção de caviar está na mesa, mas o Bebê Goldman, cheio de caprichos, não quer abrir a boquinha?!

Eu já estava farto de ouvi-lo. Barnaski se arrependeu de ter falado daquele jeito e tentou se redimir, assumindo uma voz doce:

— Deixe-me falar do projeto, meu querido Marcus. Você vai ver como vai mudar de ideia.

— Vou começar é mudando de ares.

— Vamos jantar hoje! Fiz uma reserva num restaurante do bairro histórico de Montreal. Oito horas, pode ser?

— Já tenho compromisso esta noite, Roy. A gente se fala em Nova York.

Deixei-o lá, com seu sanduíche na mão, e caminhei até a entrada principal do estúdio. Logo antes da grande porta vaivém havia uma lanchonete.

Todos os dias depois da filmagem eu parava ali para tomar um café. Era sempre a mesma garçonete: ela me servia café num copo de papel, cheio até a borda, antes mesmo de eu abrir a boca. Eu sorria para agradecer, e ela sorria de volta. As pessoas costumavam sorrir para mim. Mas não sei se sorriam para mim, a pessoa de carne e osso, ou para o escritor cujos livros haviam lido. O fato é que a garçonete tirou um exemplar de *A verdade sobre o caso Harry Quebert* da parte de baixo do balcão e o brandiu na minha direção.

— Terminei ontem à noite — disse. — É impossível largar este livro! Você poderia me dar um autógrafo?

— Claro, com todo o prazer. Qual é o seu nome?

— Deborah.

Deborah, óbvio. Ela já tinha me dito dez vezes.

Tirei uma caneta do bolso e escrevi, na folha de rosto, a mesma frase que usava em todas as minhas dedicatórias:

Para Deborah,

Que agora já conhece toda a verdade sobre o caso Harry Quebert.

Marcus Goldman

— Tenha um bom dia, Deborah — cumprimentei-a, devolvendo o exemplar.

— Bom dia, Marcus. Até amanhã!

— Amanhã eu vou para Nova York. Volto daqui a uma semana.

— Até breve, então.

Quando eu estava me afastando, ela me parou.

— Você voltou a vê-lo? — perguntou.

— Quem?

— Harry Quebert.

— Não, nunca mais soube dele.

Atravessei a porta do estúdio e corri até o carro que me esperava. *Você voltou a ver Harry Quebert?* Desde a publicação do livro, me faziam essa pergunta sem parar. E todas as vezes eu me esforçava para responder como se o assunto não me abalasse. Como se eu não pensasse nisso todos os dias. Onde estava Harry? Que fim teria levado?

Depois de margear o rio Saint-Laurent, o carro seguiu em direção ao centro de Montreal, e logo vi os arranha-céus à minha frente. Eu adorava a cidade, era um lugar onde me sentia bem. Talvez porque alguém me aguardasse. Fazia alguns meses que havia, enfim, uma mulher na minha vida.

Em Montreal, eu ficava hospedado no Ritz-Carlton, sempre na mesma suíte do último andar. Mal cruzara as portas do hotel quando a recepcionista me parou para dizer que me aguardavam no bar. Abri um sorriso: ela havia chegado.

Estava sentada em um lugar discreto, ao lado da lareira, bebericando um Moscow Mule, ainda com o uniforme de pilota. Assim que me viu, seu rosto se iluminou. Ela me beijou, e eu a abracei. Quanto mais a via, mais gostava dela.

Raegan tinha trinta anos, a mesma idade que eu. Era pilota da Air Canada. Estávamos saindo havia mais de três meses. Com ela, minha vida parecia mais plena, mais completa. O sentimento ficava ainda mais exacerbado quando eu pensava no quanto tinha penado para encontrar alguém de quem gostasse de verdade.

Minha última relação séria tinha sido cinco anos antes — com uma mulher chamada Emma Matthews —, e só durara poucos meses. Quando terminei de escrever *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, prometi que me dedicaria à minha vida amorosa. Multipliquei, portanto, as aventuras, mas sem grande sucesso. Talvez eu tenha botado pressão demais. Meus encontros logo ficavam com cara de entrevista de emprego: depois de poucos minutos observando minha interlocutora, eu já me perguntava se seria uma boa parceira e uma boa mãe para meus filhos. E, no instante seguinte, minha mãe surgia na minha frente feito uma intrusa. Pegava uma cadeira vazia, sentava-se ao lado da pobre coitada e começava a encontrar uma série de defeitos na moça, tornando-se juíza do encontro. Seu espectro me dizia ao pé do ouvido uma expressão obsoleta que ela adorava: *Markie, você acha que é ela a felizarrada?* Como se estivéssemos assumindo um compromisso para a vida toda, quando, no fundo, nem sabíamos se o interesse sobreviveria até à noite. E, como minha mãe previa para mim um destino grandioso, acrescentava: *Pense bem, Markie, você se imagina na Casa Branca, na cerimônia de entrega da Medalha da Liberdade, com essa moça ao seu lado?* Em geral, essa última frase era pronunciada com desdém, para me fazer desistir. E eu desistia. Foi assim que minha pobre mãe, mesmo sem saber, acabou prolongando minha solteirice. Até o dia em que, também graças a ela, conheci Raegan.

Três meses antes.
31 de dezembro de 2009.

Como sempre fazia na véspera de Ano-Novo, eu tinha ido a Montclair, em Nova Jersey, para visitar meus pais. Enquanto tomávamos café na sala, minha mãe soltou uma frase idiota que dizia de vez em quando e me irritava profundamente:

— O que podemos lhe desejar para o ano novo, querido? A você, que já tem tudo?

— Que eu reencontre um amigo que perdi — respondi, ofendido.

— Algum amigo seu morreu? — perguntou minha mãe, preocupada, sem entender a alusão.

— Estou falando de Harry Quebert — expliquei. — Eu gostaria de revê-lo. Saber o que aconteceu com ele.

— Que se dane esse Harry Quebert! Ele só traz problemas para você! Amigo que é amigo não traz problemas.

— Ele me ajudou a me tornar escritor. Devo tudo a ele.

— Você não deve nada a ninguém, a não ser à sua mãe, que lhe deu a vida! Markie, você não precisa de amigos, precisa é de uma namorada! Por que não arranja uma namorada? Não quer me dar netos?

— É difícil conhecer gente nova, mãe.

Ela se esforçou para adotar um tom mais suave:

— Markie, querido, acho que você não se esforça o suficiente. Você sai muito pouco. E sei muito bem que às vezes passa horas e horas olhando um álbum de fotografias desse tal Harry Quebert.

— Como é que você sabe? — perguntei, surpreso.

— Sua faxineira me contou.

— Desde quando você fala com a minha faxineira?

— Desde que você parou de me contar as coisas!

Nesse instante, meu olhar se fixou numa foto emoldurada de meu tio Saul, minha tia Anita e meus primos Hillel e Woody na Flórida.

— Sabe, seu tio Saul... — murmurou minha mãe.

— Não comece, mãe, por favor!

— Eu só quero a sua felicidade, Markie. Você não tem razão nenhuma para não ser feliz.

Eu queria sair dali. Levantei-me e peguei meu casaco.

— O que você vai fazer hoje à noite, Markie?

— Vou sair com uns amigos — menti, para tranquilizá-la.

Dei um beijo nela, outro no meu pai e fui embora.

Minha mãe estava certa: eu guardava em casa um álbum no qual mergulhava sempre que me sentia nostálgico. Quando voltei a Nova York, aliás, foi exatamente o que fiz. Enchi um copo de uísque e comecei a folhear o álbum. Meu último encontro cara a cara com Harry tinha sido um ano antes, em dezembro de 2008, quando ele veio à minha casa. Depois disso, nenhum sinal de vida. Em minha tentativa de inocentá-lo do assassinato de que o acusavam e de restaurar sua honra, eu acabara por perdê-lo. Sentia muita falta dele.

Claro que eu tinha tentado descobrir seu paradeiro, mas foi em vão. Voltei com frequência a Aurora, em New Hampshire, onde ele passara os últimos trinta anos. Eu percorria o vilarejo por horas e horas. Passava um bom tempo perambulando em frente à casa dele em Goose Cove, fizesse chuva ou fizesse sol. Queria reencontrá-lo. Ter a chance de consertar tudo. Mas Harry nunca reapareceu.

Enquanto eu estava imerso no álbum, ruminando as lembranças da nossa relação, meu telefone fixo começou a tocar. Por um instante, acreditei que fosse ele. Corri para atender. Era minha mãe.

— Por que você atendeu, Markie? — perguntou ela, em tom de censura.

— Porque você me ligou, mãe.

— Markie, é noite de Ano-Novo! Você tinha me dito que ia encontrar uns amigos! Não me diga que está em casa sozinho, olhando de novo essas malditas fotos! Vou pedir para a sua faxineira queimar tudo.

— Ela vai para o olho da rua se fizer isso, mãe. Por sua causa, uma faxineira dedicada vai acabar perdendo o emprego. Está feliz?

— Saia um pouco de casa, Markie! Eu me lembro de que, quando você estava no colégio, ia sempre à Times Square na virada do ano. Chame seus amigos e saia de casa! É uma ordem! Não desobedeça à sua mãe.

Foi assim que fui até a Times Square, sozinho, porque na verdade não tinha nenhum amigo para quem ligar em Nova York. Chegando às imediações da praça, tomada por centenas de milhares de pessoas, me senti bem. Sereno. Fui me deixando levar pela maré humana. Nesse momento, topei com uma mulher que estava bebendo champanhe no gargalo. Ela sorriu para mim. Gostei dela na mesma hora. Quando soou a meia-noite, dei-lhe um beijo. Foi assim que Raegan entrou na minha vida.

Depois desse primeiro dia, Raegan me visitou em Nova York várias vezes, e nos reencontramos em Montreal quando fui acompanhar as filmagens. No fundo, depois de três meses de relação, ainda não nos conhecíamos direito. Programávamos nossos encontros entre um voo e outro, ou em um intervalo de dois dias de filmagem. Mas naquela noite de abril, no bar do Ritz de Montreal, senti algo bem forte por ela. Ficamos conversando sobre já nem lembro mais o quê, e ela passou com louvor pelo teste materno: eu imaginava diferentes situações da minha vida, e em todas sempre a enxergava ao meu lado.

Raegan disse que tinha um voo na manhã seguinte, às sete, para o aeroporto JFK, em Nova York. Quando propus que saíssemos para jantar, ela sugeriu que ficássemos no hotel.

— O restaurante do hotel é ótimo — falei.

— O seu quarto é melhor ainda — rebateu ela, com um sorrisinho.

Passamos a noite trancados na minha suíte, boa parte do tempo refestelados na imensa banheira, admirando, através do vidro das janelas, a neve que caía sem parar sobre Montreal. Depois, pedimos serviço de quarto. Tudo parecia fácil, imperava uma osmose entre nós dois. Minha única queixa era não poder passar mais tempo com ela. Os motivos: a distância geográfica (eu morava em Nova York e ela, numa cidadezinha ao sul de Montreal que eu nem conhecia ainda, a uma hora de distância), mas principalmente os horários complicados do trabalho de Raegan, que tomava todo o seu tempo. Nosso reencontro naquele dia não escapou à regra e, mais uma vez, a noite foi curta: às cinco da manhã, enquanto o hotel ainda dormia, Raegan e eu acabávamos de nos arrumar. Pela porta do banheiro, fiquei olhando para ela. Usando a calça do uniforme, mas vestindo apenas um sutiã na parte de cima, ela se maquiava enquanto tomava uma xícara de café. Nós dois iríamos para Nova York, mas separados. Ela ia de avião e eu ia pegar a estrada, pois tinha ido de carro até Montreal. Levei-a até o aeroporto Trudeau. Quando parei em frente ao terminal, Raegan me perguntou:

— Por que você não veio de avião, Marcus?

Hesitei por um instante: não podia confessar a ela os verdadeiros motivos da minha escolha.

— Adoro a estrada de Nova York para Montreal — menti.

Ela não se deu totalmente por satisfeita.

— Você não tem medo de avião, tem?

— Claro que não.

Raegan me beijou e me presenteou com um “eu te amo mesmo assim”.

— E quando é que nos vemos de novo? — perguntei.

— Quando você volta para Montreal?

— No dia 12 de abril.

Ela consultou a agenda.

— Vou estar em Chicago à noite e emendo com uma semana de viagens de ida e volta para Toronto.

Notando minha cara de decepção, acrescentou:

— Depois, tenho uma semana de férias. Prometo que vamos ter um tempinho juntos nessa brecha. A gente se tranca no seu quarto de hotel sem nem botar o pé para fora.

— E se a gente viajasse por alguns dias? — sugeri. — Nem Nova York, nem Montreal. Só nós dois em algum canto.

Ela fez que sim com convicção, exibindo seu sorriso mais lindo.

— Eu adoraria — murmurou, como se fosse uma confidência um tanto inconfessável.

Depois de me dar um longo beijo, Raegan saiu do carro, me deixando cheio de esperanças sobre o que poderíamos nos tornar juntos. Enquanto eu a observava desaparecer no interior do saguão do aeroporto, decidi tomar a iniciativa e organizar uma viagem romântica para um hotel das Bahamas que me haviam recomendado, o Harbour Island. Peguei o celular e entrei no site do hotel. O lugar, incrustado em uma ilha particular, parecia paradisíaco. Era ali que passaríamos a semana de férias dela: em uma praia de areia fina, à beira de um mar turquesa. Fiz a reserva imediatamente e depois peguei a estrada para Nova York.

Cruzei a região de Cantons-de-l’Est até Magog, onde parei para comprar um café, e em seguida rumei para Stanstead, na fronteira com os Estados Unidos. Talvez você já tenha ouvido falar dessa cidadezinha, pois ela abriga a única biblioteca do mundo localizada entre dois países.

Na hora de passar pela fronteira, o fiscal da alfândega americana verificou meu passaporte e perguntou mecanicamente de onde eu estava vindo e para onde ia. Como respondi que estava vindo de Montreal e ia para Manhattan, ele me aconselhou:

— Esta não é a estrada mais rápida para Nova York.

Pensando que eu tivesse me perdido, ele me deu as instruções para chegar à autoestrada 87. Eu o escutei com toda a educação, mas sem a menor intenção de seguir seu conselho.

Sabia perfeitamente aonde estava indo.

Eu estava a caminho de Aurora, em New Hampshire, a cidade onde meu amigo Harry Quebert tinha passado a maior parte da vida antes de desaparecer sem deixar rastros.

Abril de 1999. A pacífica cidade de Mount Pleasant, em New Hampshire, é devastada por um assassinato: o corpo de Alaska Sanders, uma jovem de 22 anos, é encontrado à beira de um lago, ao lado do cadáver de um urso-negro. O que à primeira vista parecia um grotesco ataque animal se revela um homicídio, e, a despeito da comoção generalizada, a questão é solucionada em poucos dias.

Onze anos depois, o sargento Perry Gahalowood, um dos encarregados da investigação na época, está vivendo um dos piores momentos de sua vida quando recebe uma perturbadora carta anônima. O conteúdo da mensagem faz Gahalowood questionar tudo que pensava saber sobre o caso ocorrido uma década antes. Teria ele seguido uma pista falsa? Teria, então, chegado a uma conclusão equivocada? Quem o faz cogitar a possibilidade é seu amigo Marcus Goldman, alçado ao estrelato após a publicação de *A verdade sobre o caso Harry Quebert*.

Diante de tantas incertezas e agitação, os dois resolvem investigar o que de fato estaria por trás da morte de Alaska Sanders e logo fica evidente que o cenário que se descortina é muito mais complexo do que parecera anos antes. Somente unindo forças Gahalowood e Goldman terão alguma chance de descobrir a verdade.

Após o estrondoso sucesso dos últimos livros, especialmente de *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, Joël Dicker retorna ao universo metaficcional de seus principais personagens, demonstrando novamente sua maestria para criar uma trama instigante e repleta de reviravoltas. *O caso Alaska Sanders* é Dicker em sua melhor forma.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1207/>

